

A Função do Olhar na Transmissão Psíquica Transgeracional*

*Marília Amaro da Silveira Modesto Santos***

Resumo: Esta apresentação se propõe a examinar o quanto uma falha na função especular pode afetar a transmissão psíquica transgeracional, levando três gerações a se tornarem marcadas pelo estigma da solidão. Lembrando o romance *Cem Anos de Solidão* (1967), de Gabriel García Márquez, e recorrendo aos desenvolvimentos teóricos de Lacan, Winnicott e Outeiral, analisaremos a história de Pedro, neto de uma mulher que ficou cega aos quatorze anos – a terceira geração de uma estirpe condenada à escuridão, como um jogo de espelhos que, pela falta de luz, reflete apenas imagens que se repetem por gerações. A partir desse relato, observaremos a importância da luz de um olhar, capaz de refletir o bebê nos primeiros tempos de vida, no sentido de que se possa realizar satisfatoriamente a transmissão do legado transgeracional. Essas tarefas, necessárias ao seu desenvolvimento emocional, são fundamentais para a apropriação do próprio corpo, para a construção e integração do eu.

Palavras-chave: Transgeracionalidade. Espelho. Solidão.

Introdução

Antes de introduzirmos a questão da importância da função especular na transmissão psíquica transgeracional – aproveitando como ilustração a história de Pedro –, discorreremos um pouco sobre o que vem a ser a transmissão psíquica entre gerações. Para isso, iniciaremos a apresentação

* Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional sobre o Bebê, na PUC do Rio de Janeiro, 2 maio de 2008.

** Mestra pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

deste trabalho com um breve resumo da história da origem das tragédias gregas.

Por volta do século VIII a.C., nas tribos nômades da Grécia, surgiram contos populares – ou mitos –, que eram transmitidos oralmente e diziam respeito ao destino dos humanos. Esses contos, passados de pais para filhos, relatavam que o destino do ser humano estava pré-determinado pelos deuses do Olimpo muito antes de eles nascerem e que esse destino era anunciado previamente pelos oráculos, agentes intermediários entre os deuses e os homens. Estes, por sua vez, sentindo-se extremamente impotentes frente a essas predições, tentavam fugir de um destino geralmente trágico e tomar as rédeas da sua história. Mas, como por ironia, quanto mais eles fugiam, mais o destino se cumpria de forma inexorável.

Esses mitos eram ligados à religião politeísta, aos costumes e à cultura que marcaram aquela época e aquele povo. No século VI a.C., eles passaram a ser narrados de uma forma lírica (com danças, cantos, corais e recitação), em rituais de caráter religioso e teatral. Entre os séculos V e IV a.C., Ésquilo, Sófocles e Eurípedes transformaram esses rituais em tragédias. Era o apogeu da cultura grega.

No século II a.C., com o declínio do império grego, os mitos em forma de tragédias prosseguiram com os romanos, sofrendo apenas algumas transformações – por exemplo, o que era Eros tornou-se Cupido.

Assim como nos mostram os mitos, a transmissão psíquica entre gerações comporta a tragédia humana e a transformação. E a humanidade, por sua vez, é formada por famílias que surgem a partir de duas pessoas de duas diferentes linhagens, ligadas a antigas histórias advindas de seus antepassados e transformadas conforme são transmitidas de boca em boca: tornam-se, por conseguinte, os mitos familiares. Esses mitos trazem as tradições, marcam a singularidade de cada família e determinam a opinião que ela faz de si mesma (PENOT, 1992). O mito, por comportar a metáfora, é muitas vezes o único campo em que se pode falar de coisas inomináveis. Ele não tem pretensão à verdade, mas, devido à transformação que lhe é possível conferir, é verossímil.

Essas questões suscitaram algumas perguntas, às quais nos propomos responder ao longo destas linhas – ao menos aquelas que acreditamos ser as mais importantes e que se relacionam com a função do olhar:

(primeira pergunta) O que vem a ser a transmissão psíquica transgeracional?

(segunda pergunta) O que fazer com os destinos trágicos do homem, que são transmitidos de geração a geração?

(terceira pergunta) Qual a função do olhar na transmissão psíquica transgeracional?

Todos somos herdeiros do patrimônio da história dos nossos ancestrais, até mesmo dos mais longínquos. A transmissão do legado psíquico transgeracional, portanto, trata da questão de que o nosso “destino” é traçado muito antes de nascermos, não pelos deuses, como mostra a mitologia grega, mas por nossos ancestrais, e são transmitidos a nós não pelos oráculos, mas por nossos pais. Trata-se de histórias passadas de geração a geração que acabam por tornar-se o mito familiar. Isso quer dizer que todos nós temos uma pré-história inscrita nos “sapatinhos de bebês” feitos pelas nossas avós, algumas vezes muito antes de sermos concebidos: nos álbuns de fotografias, nos retratos e brasões de família, nas tradições, normas, culturas e nos valores dos nossos ancestrais; ela está representada nos contos de fadas que alimentam a fantasia da criança, ajudando-a a ligar os personagens da história aos objetos de seu investimento pertencentes às gerações que a antecederam. Por exemplo, lembremos da maneira clássica de se iniciarem os contos de fadas: era uma vez..., há muito tempo atrás..., num país longínquo... As músicas, os filmes clássicos e as obras de arte, por marcarem uma época, também transmitem uma história.

Na transmissão psíquica transgeracional, o sujeito sente o desejo dos pais na formação da sua identidade; ela se refere “à passagem das normas, valores, costumes e cultura (sic) de uma geração à outra e é fundante da vida psíquica que se processa no inconsciente” (CORRÊA, 2000, p. 23-24).

Portanto, temos hoje a convicção da necessidade de aprofundar cada vez mais o trabalho clínico na conexão entre sintoma e transmissão psíqui-

ca transgeracional e, para isso, é necessário ver nessa conexão uma preocupação clínica e teórica. Numerosas observações clínicas nos fizeram pensar que a maneira como a família lida com as suas histórias passadas, suas origens, suas raízes, é responsável pelo modo como ocorre a transmissão psíquica transgeracional e, conseqüentemente, pela maneira como se constitui o psiquismo dos seus membros.

Outro aspecto que pudemos observar é que, nesses casos, o espaço analítico acaba sendo o palco onde se reencenam dramas vividos pelas gerações... Cenários que reproduzem ambientes das gerações passadas dos pacientes. Queremos dizer com isso que o paciente vive com o seu analista, na sessão de análise, os valores, os costumes e, principalmente, as tragédias que acometeram os seus antepassados.

Outro fator importante para a transmissão é a palavra. Sem a palavra, o destino fica condenado a ser repetido – um destino pré-determinado por um trauma que não pôde ser pensado, posto em palavras, elaborado. Nesses casos, o trauma sofrido pelo sujeito fica forcluído¹ do inconsciente como se fosse uma pedra bruta em uma cripta², fora da cadeia representacional e do alcance de um trabalho psíquico, e só dessa maneira é passado para os descendentes. Isso é o que chamamos de transmissão sem movimento, em estado bruto, sendo a pedra bruta a própria realidade dolorosa e indizível, não passível de representação porque o fato traumático não ficou nem no consciente nem reprimido no inconsciente, e sim em uma cripta, isto é, em um lugar fechado, instalado no seio do ego, com um mecanismo autônomo, espécie de antiintrojeção, comparável à formação de um casulo (ABRAHAM; TÖROK, 1995, p. 279). Sendo passado dessa maneira, o sujeito, desde criança, fica infiltrado por mensagens incompre-

¹ Embora o termo forcluído tenha sido forjado por Lacan, Freud, em 1894, descrevia a defesa psicótica em termos quase idênticos: “O ego separa-se da representação insuportável, mas está ligado a um fragmento da realidade: realizando esta ação, o ego separou-se também totalmente e/ou parcialmente da realidade” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 574).

² Este conceito foi forjado por Abraham e Török, que sentiram a necessidade de criar novas figuras metapsicológicas para dar conta de sofrimentos psicológicos causados por barbáries, como a Shoah (CORRÊA, 2000, p. 12).

ensíveis que muitas vezes se tornam um fardo para ele, levando-o a sentir-se predestinado a atuar na vida de acordo com essas mensagens.

Pedro

Só posso me sentir belo quando me vejo refletido no olhar do outro.

Autor desconhecido

Em *Cem anos de solidão* (1967), Gabriel García Márquez relata a saga familiar de três gerações dos Buendía marcada pelo estigma da solidão. O romance começa com esta família fundando um vilarejo e, a partir daí, participando de várias revoluções colombianas, sendo derrotada em todas. No final da história, Úrsula, figura central que marca o início dessa genealogia, fica cega. Vale ressaltar, para os fins que recorro a esta história, que, mesmo cega, era ela, dos membros dessa família, a que mais enxergava. O romance termina com o coronel Aureliano Buendía, seu filho, que carrega o mesmo nome do pai, no seu último suspiro, terminando de ler os pergaminhos da história da sua linhagem “[...] como se estivesse vendo a si mesmo num espelho falado [...] e percebeu [...] que a cidade dos espelhos [...] seria arrastada pelo vento e desterrada da memória dos homens”. (p. 394)

Este romance me fez refletir sobre a história de Pedro, não só por retratar uma estirpe condenada à repetição, como pela analogia dos espelhos que, pela ausência de luz, só puderam refletir imagens que se repetiam por gerações, culminando na cegueira da progenitora, provocada, talvez, por uma escuridão que lhe foi predestinada.

A História

Pedro (quatro anos) veio ao meu consultório trazido pela sua avó materna porque ela tinha medo que ele viesse a ter a mesma doença da sua filha, a mãe de Pedro, que sofria de transtorno bipolar e já havia feito várias tentativas de suicídio. Por esse motivo, Pedro vivia com essa avó. Segundo ela, Pedro foi “fruto de uma balada” ocorrida em um momento de mania da mãe dele.

A avó perdeu a visão aos 14 anos. Casou e teve a filha – mãe de Pedro – sem enxergar. Define-se como muito revoltada àquela época. Não queria cuidar da filha. Depois de vários tratamentos, quando a menina tinha dois anos e meio, a hoje avó voltou a enxergar; conta que foi nesse momento que ela foi apresentada a sua filha e ao seu marido. Até então, a filha havia ficado aos cuidados da avó materna – bisavó de Pedro.

Quando a mãe de Pedro tinha por volta de vinte anos, conheceu, em uma “balada”, aquele que iria se tornar o pai de seu filho. Mas o que ela não “conheceu” é que esse rapaz era portador de uma degeneração na retina que o deixaria cego. Uma questão apenas de tempo. Ficaram juntos quatro meses. Quando Pedro nasceu, ela o entregou aos cuidados da mãe. Casou-se novamente e foi trabalhar em outra cidade. Dizia não poder levar o filho porque ele tinha que morar na mesma cidade do pai para que tivesse a oportunidade de ser visto nesse pouco tempo que lhe restava de visão.

A Análise:

Pedro apresentou-se a mim contando-me a seguinte história:

– Era uma vez um dinossauro, Rex, que morava no meio da floresta. Ele estava com os seus ovinhos quando a galinha louca pegou o ovo e o jogou no mar. A avó ficou preocupada e protegeu o ovo. Quando o ovo caiu no mar, os bichos da floresta achavam que era um monstro muito feroz. Mas era só um ovo.

Nas sessões que se seguiram a esta, Pedro construiu casas de madeira, sem portas e janelas, com pequenas fendas no teto por onde podiam passar somente as aranhas de argila e massinha que confeccionávamos, e, conforme o seu pedido, nós conversávamos sobre a vida das aranhas. Com um olhar triste, Pedro contou-me outra história:

– As aranhas são animais peçonhentos, e animais peçonhentos são aqueles que possuem um veneno que sai do corpo deles, entra na gente e a gente morre. Elas têm uma cabeça com um monte de perninhas e oito olhos. Saindo da cabeça tem um corpo. Mas, por elas terem oito olhos, elas não conseguem enxergar como a gente. Elas enxergam muito mal.

Também não ouvem como nós. Como não têm ouvidos, ouvem pelo corpo. As fêmeas são maiores que os machos...

E, assim, Pedro prosseguiu as sessões: da caranguejeira à viúva negra, da armadeira à tarântula, da cobra coral à cobra cega – que dizia ser a mais venenosa de todas –, construíamos a sua história.

Enquanto a sala ficava iluminada pelo sol, Pedro trabalhava serenamente nas sessões confeccionando as aranhas e seus “habitats”; se porventura o sol se escondesse por trás das nuvens, afetando a luminosidade da sala, Pedro imediatamente se encolhia assustado no divã e pedia que eu acendesse a luz. Certa vez, eu lhe indaguei o motivo do susto. Pedro respondeu que na escuridão eu poderia confundi-lo com um monstro. Já com a luz acesa, eu disse a Pedro que, mesmo no escuro, eu enxergava um menino que não tinha nada de monstro, e sim que brincava e trabalhava comigo assuntos muito sérios, assuntos que diziam respeito às mães que, por não enxergarem, podiam pensar que os seus bebês eram monstros – e lembrei-lhe o final da história que havia me contado: *era só um ovo*. Pedro pareceu ter se acalmado e disse:

– *Vamos construir uma igreja estranha?*

Eu concordei. Iniciamos naquele momento nossa aliança para darmos início a uma história estranha, talvez um dia conhecida por algum antecedente, mas mais tarde forcluída e encriptada.

Meus encontros com Pedro passaram por várias interrupções abruptas devido a períodos em que a mãe o levava para a cidade litorânea em que morava. Quando elas ocorriam, eu me sentia como em uma brincadeira de cabra-cega. Onde está o Pedro? Nem sempre eu o achava, nem sempre sua avó conseguia impedir a filha de levá-lo, como ocorreu na história contada por Pedro na primeira sessão – a de que a avó conseguiu proteger o ovo da galinha louca que o jogou ao mar. Depois do nosso casamento na igreja estranha, Pedro sugeriu que fizéssemos um livro. O título do livro era: *Bichos perigosos que devoram gente*. A história começava da seguinte maneira:

– *Era uma vez uma piranha. Ela gostava de comer coisas que caíam no mar...* – e a história continuava com uma série de matanças. – *O pinacossauro matava o tiranossauro, o vampiro matava a menininha...*

No transcorrer da análise, a escola em que Pedro estudava ligou várias vezes. Embora a avó de Pedro o tivesse trazido sem uma queixa específica sobre ele, a escola, sim, identificava em Pedro dificuldades que demandavam uma abordagem psicoterápica. Como já mencionei, a avó o havia trazido movida pelo medo de que ele viesse a ter a mesma doença de sua filha. Sua demanda era, portanto, a de um tratamento preventivo capaz de romper a “cegueira que se transmitia de uma geração a outra”. Já a escola, não fazendo parte dessa cadeia, demandava tratar o menino nas dificuldades que enxergavam: uma delas era o fato de Pedro desenhar monstros ou bichos perigosos quando era pedido às crianças que fizessem um desenho de suas mães. A escola via que esse era um pedido que o deixava extremamente angustiado. Seria a mãe-monstro o reflexo que sobrou da escuridão, ou melhor, o reflexo que sobrou da falta do olhar da sua avó para a sua mãe e, conseqüentemente, de sua mãe para Pedro, nesse jogo de espelhos sem luz? Afinal, não é também o medo de enxergar monstros que as crianças têm no escuro? Outra dificuldade que a escola via em Pedro é que ele mentia muito, inventando histórias nas quais seus amigos estariam contra ele e, assim, Pedro se defendia mesmo não tendo sido atacado. Ao ser repreendido, dizia às professoras que elas não enxergavam o que realmente tinha acontecido e, por isso, era melhor que houvesse mais professoras olhando as crianças para que elas pudessem saber realmente o que tinha ocorrido. Pensei que com isso Pedro queria comunicar algumas coisas: o esforço que fazia para ser visto e se sentir vivo; o quanto se sentia perseguido pelo destino; e ainda que, até aquele momento, ele só podia se sentir existindo para o outro naquilo que não se via, nas histórias que “inventava”.

Algumas vezes, nas sessões de análise, Pedro olhava seriamente para mim e perguntava: *Você está me vendo aqui?*

O atendimento ao Pedro foi intercalado de várias sessões com sua família. Ora vinha a avó, ora vinha o pai, ora a mãe e, algumas vezes, a avó

com a tia de Pedro, irmã de sua mãe. Além disso, eu mantinha estreito contato com a escola. Sentia constante necessidade de apresentá-lo a todos que o rodeavam. Lembrei-me da sua avó quando ela me disse que foi apresentada à filha só quando esta tinha dois anos e meio.

Em uma das sessões que tive com a avó, ela mencionou achar que a causa do transtorno bipolar da filha se devia ao fato de seu marido, pai de sua filha, não ter querido vê-la no palco quando ela se apresentara em uma peça de teatro.

Apesar das intercorrências sofridas nessa análise, como faltas e interrupções, Pedro foi apresentando alguns movimentos psíquicos no decorrer dos nossos encontros: aos poucos foi parando de falar sobre o perigo dos bichos peçonhentos. Em certa sessão, comentou que tinha uma cobra venenosa em casa, mas que não era um veneno que matava, e perguntou se podia levar para me mostrar. As casas das aranhas e dos monstros que construía foram se transformando no mundo dos dinossauros e, mais tarde, em submarino. Ele dizia que o submarino era para a minha família e a dele fazerem, juntas, uma viagem, e que seria uma viagem muito longa, mas um dia ia terminar. E quando terminasse, minha família sairia por uma porta e a dele por outra.

Discussão

Pedro se reporta ao trabalho de análise enfatizando a questão do movimento, ao figurar o ambiente psicanalítico em um submarino: um veículo que se locomove nas profundezas de um oceano. Acreditamos que é nesse movimento em “águas tão profundas e turvas” que Pedro – acompanhado de sua analista em uma região habitada por seus objetos internos – poderá transformar os objetos incorporados em objetos internalizados³. As cobras

³ Torna-se aqui necessário recorrer aos conceitos de introjeção e incorporação. Seguindo a esteira de Abraham e Török (1995), entendemos que uma experiência só pode ser introjetada quando ela foi investida pelo sujeito. Desse modo, o que foi vivido torna-se experiência. Aqui realçamos que é o olhar do outro o que torna possível o investimento. Quando não ocorre o processo de introjeção, o que ocorre é a incorporação. O sujeito só consegue ter a experiência não-transformada, carregando dentro de si objetos mortos.

venenosas, os monstros e as aranhas poderão ser transformados em personagens de uma história verossímil. E, voltando à questão principal deste trabalho, lembremos da indagação recorrente de Pedro: *Você está me vendo aqui?*. Apesar da turvação das águas, ele precisa ser visto para que essa transformação se dê, e só assim modificar esse destino.

A avó reclama da falta do olhar do pai de sua filha para ela no palco do teatro. Mas de que pai ela estava falando?

Essa cena, em que pude ser a espectadora, me fez enxergar uma pequena criança querendo clamar pelo olhar do pai, à procura do primeiro olhar. Eu nunca pude saber a verdadeira origem da cegueira da avó de Pedro. E, embora do ponto de vista orgânico ela já não fosse mais cega, passava-me, em muitos momentos, a sensação de ainda estar cega para ela mesma e para a sua família. Pensei que ela conversava comigo sobre os anos da sua cegueira e, talvez, em um tempo mais remoto, sobre o tempo em que não pôde enxergar seu reflexo no olhar do outro. Em certa sessão, a avó de Pedro disse considerar toda a sua família muito sensível, e por isso muito sofrida, e acrescentou que, por as pessoas não conseguirem enxergar o porquê de eles tomarem determinadas atitudes, elas os julgavam mal. Pensei: para eles, julgavam-nos como monstros. Sentia também que o marido guardava algum segredo muito grave e importante que ela não conseguia enxergar; mas que parecia alguma coisa relacionada a ciúmes e sexualidade. Uma explicação enevoada, mas que me fez pensar em um triângulo amoroso e, sendo assim, como no mito de Édipo, só lhe restou a cegueira. Nesse caso, não a dele, mas a da mulher com quem escolheu se casar, talvez como resultado da projeção de sua própria “cegueira”.

Agora, voltando ao passado recente da avó de Pedro, pergunto: o que ficou para trás dos dois anos e meio da avó do Pedro, antes de ela ser apresentada à filha? Provavelmente ficou a escuridão, onde só era possível ver monstros. A história de Pedro trata de uma série de repetições da falta do olhar de alteridade, com um sofrimento duplo: daquele que não enxergou e daquele que não foi visto. Sem o conhecimento da transmissão psíquica

transgeracional, tenderíamos a pensar em uma armadilha do destino, um destino pré-determinado pelos deuses e profetizado pelos oráculos. Mas, com o estudo da transgeracionalidade, podemos conjecturar que a mãe de Pedro precisou repetir esse destino, porque o que ela viveu na escuridão, na falta da luz do olhar materno, estava encriptado e, nesse sentido, sim, condenado a repetir-se – porque a repetição, aqui, era uma expressão daquilo que não estava nem no consciente nem no inconsciente. Desse modo, podemos conjecturar que Pedro nasceu com uma missão pré-determinada: a de dar a luz a um pai cego, para que sua mãe e, mais alguém ainda, sua avó, pudessem nascer à luz do olhar materno.

A necessidade premente de Pedro de comunicar o quanto se sentia não sendo olhado o levava a desenhar monstros e bichos ferozes em várias sessões. Talvez para ele o que ficou no escuro tenha sido “visto” como monstro. Supomos que a falta do olhar que a avó de Pedro sentiu sobre ela a tenha “cegado” ainda quando era muito pequena e, depois, sido atualizada e concretizada na vida adulta. Na escuridão, o desconhecido foi batizado por Pedro, seu neto – a terceira geração – de “monstros, piranhas, tubarões”. A falta do olhar sentida pela avó de Pedro não permitiu que ela enxergasse sua filha, e esta, por sua vez, não pôde enxergar o filho. Foram monstros e não crianças o que as três gerações enxergaram, como Pedro tão bem explicita nos desenhos que faz. Talvez a mãe de Pedro precisasse repetir um destino, tendo um filho com um homem predestinado à cegueira, na derradeira tentativa de possibilitar à criança ser vista por um pai à beira da escuridão.

Na nossa aliança psicanalítica, Pedro tentou segurar os raios de sol que entravam pela janela da sala de análise para iluminar a casa escura das aranhas; indo mais além, a mãe de Pedro, já cega pela falta de luz do olhar materno, “escolhe” para parceiro um homem que, por razões outras, havia se cegado, concretizando e atualizando assim um destino condenado à imutabilidade.

Concluindo

A história de Pedro é uma história em que, num jogo de imagens formadas por espelhos confrontados, vimos refletidas três gerações vivendo em uma “escuridão”, proporcionada pela falta do olhar de alteridade.

Esse caso nos faz pensar no quanto a falta da luz de um olhar capaz de refletir o outro também pode causar rupturas na cadeia transgeracional e se transformar em trauma por infinitas gerações. Como em uma roda viva, essa falta da luz interfere na cadeia transgeracional que, por sua vez, interfere na luz do olhar das gerações seguintes. Lembremos que, em um jogo de espelhos, a imagem refletida é infinitamente reproduzida. Podemos conjecturar que, na história de Pedro, o que ficou na cripta foi um corpo fragmentado, desarticulado, um monstro vivendo na escuridão há três gerações, correndo o risco de ser infinitamente refletido.

José Outeiral escreve em seu artigo *O Olhar e o Espelho* (2001, p. 81): “[...] Quando o bebê mama, ele busca olhar não o seio, mas, na maioria das vezes, o olhar da mãe, e se esta não oferece o olhar, ele busca um objeto brilhante, uma lâmpada, uma janela, ou a televisão, para ‘sustentar’ o seu olhar [...]”. Essa assertiva nos faz pensar que, quando a avó de Pedro procurou se ver no olhar do pai, já representava esta uma segunda tentativa da busca de um espelho que provavelmente se “quebrou”.

Lacan (1966), em seu artigo “*Le Stade du Miroir*” de 1949, demarca as seguintes fases, que serão resumidamente descritas aqui:

- pré-especular — anterior aos seis meses, na qual a criança tem a percepção de um corpo fragmentado, em que predominam membros desarticulados.
- especular — dividida em três tempos: no primeiro tempo, a criança confunde o reflexo com a realidade, confunde o reflexo de si mesma com o do adulto que a acompanha; no segundo tempo, a criança adquire a noção de imagem e compreende que o reflexo não é um ser real; no terceiro tempo, ela não somente percebe que o reflexo é uma imagem, mas que essa imagem é sua, diferente daquela do outro.

Mas ele não se refere ao espelho como sendo o rosto da mãe.

Já D. Winnicott (1967), no artigo “*Mirror Role of Mother and Family in Child Development*”, sugere que o espelho é o próprio rosto da mãe, explicando: o bebê se vê a si mesmo quando olha para o rosto da mãe. Ele se vê como a mãe o vê porque se supõe que a mãe, ao olhar o seu bebê, fica parecida com o que ela vê nele. Essa teoria leva em conta a relação de mutualidade entre o bebê e a mãe, e atribui as fases pré-especular e especular a um “espelho vivo” (OUTEIRAL, 2000, p. 84).

E Winnicott (1975, p. 154) faz a seguinte pergunta: o que o bebê vê quando olha para o rosto da mãe e ela não consegue entrar nesse estado de mutualidade, quando ela reflete o próprio humor ao invés de refletir o bebê? E responde a essa questão dizendo que o bebê, não recebendo de volta o que está dando, não vê a si mesmo, podendo nesse caso ter uma atrofia da capacidade criativa. Já outras crianças podem alcançar sucesso de outra forma, recorrendo a outros sentidos, como fazem as crianças cegas. Lembramos aqui a história que Pedro contou sobre as aranhas: *Elas não têm ouvidos, elas ouvem pelo corpo*. Estaria ele, nesse momento, falando da sua luta por encontrar outro sentido ou outras possibilidades que pudessem refleti-lo?

Direcionando essa pergunta para a história de Pedro e levando em conta as fases demarcadas por Lacan, mas as atribuindo a um espelho vivo, podemos dizer que Pedro não se via a si mesmo, e sim a um corpo fragmentado, nomeado por ele de monstros e aranhas, uma vivência assustadora.

A partir desses dois autores e seguindo a história de Pedro, podemos concluir que a luz do olhar da mãe ampara o desamparo físico e psíquico do bebê. O precursor do espelho é o rosto da mãe, suas respostas faciais, quando ela olha seu bebê para que ele possa formar seu próprio *self*. O olhar do bebê busca o olhar da mãe para que ele possa existir; ter a noção de si mesmo, de continuidade. Se faltar esse olhar, essa noção estará prejudicada. Se a mãe não tiver desde o início um olhar para o seu bebê, ela carecerá também de expressões faciais, tornar-se-á um rosto impassível, no qual a criança não se verá refletida, podendo, nesse caso, permanecer paralisada no tempo.

Em um de nossos encontros sem que nem ele nem sua família me comunicasse que ia passar um tempo com a mãe, Pedro desenhou vários monstros, aranhas e outros bichos que vivem na escuridão, os colou nas paredes da sala de análise e foi embora, pedindo-me que sempre olhasse para esses desenhos, para que eu nunca o esquecesse.

Esse jogo de esconde-esconde que a família fazia comigo e com Pedro me fez pensar na força dessa trama, fruto de duas linhagens: a do avô materno, com os seus segredos que não podiam ser desvendados; a da avó materna, com o seu desejo dúbio: por um lado, transformar o destino das próximas gerações, clamando por um olhar sem vendas, por outro, me vender com certa constância no seu jogo de esconder.

Lembrei do romance de Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*.

Na família de Pedro acabaram-se formando reflexos espelhados por três gerações, nas quais histórias se repetem “...desde o sempre...”, “...onde as estirpes condenadas...” à escuridão “...não foi lhes dada uma segunda oportunidade”.

The Role of Gazing in Trans-generational Psychic Transmission

Abstract: This presentation intends to examine how much the trans-generational psychic transmission can be (negatively) affected by a problem with the specular function, leading three generations to become marked by the stigma of loneliness. Having in mind the novel *One Hundred Years of Solitude* (1967) by Gabriel García Márquez; and making use of theories developed by Lacan, Winnicott and Outeiral, I will discuss the life of Pedro who is the grandson of a woman turned blind at age fourteen: the third generation of a family condemned to darkness. Starting from Pedro's experience, I will draw attention to the importance of gazing, which is capable of mirroring the baby in his/hers first years and has the purpose of transmitting a trans-generational legacy. That transmission is necessary for his emotional development and, in particular, his appropriation of his own body, the construction and integration of his own self.

Keywords: Transgenerational. Mirror. Loneliness.

La Función del Mirar en la Transmisión Psíquica Transgeneracional

Resumen: Esta presentación propone examinar cuanto una falla en la función especular puede afectar la transmisión psíquica transgeneracional, llevando a tres generaciones las marcas del estigma de la soledad. Recordando *Cien Años de Soledad* (1967) de Gabriel

García Márquez, y recurriendo a los desarrollos teóricos de: Lacan, Winnicott y de Outeiral, vamos a analizar la historia de Pedro –nieto de una mujer que se quedó ciega a los catorce años-, la tercera generación de una estirpe condenada a la oscuridad. Como en un juego de espejos que, por la falta de luz, solo se reflejan imágenes que se repiten por generaciones. A partir de este relato, observaremos la importancia de la luz de un mirar, capaz de reflejar al bebé, en los primeros tiempos de vida con el sentido de que se pueda realizar satisfactoriamente la transmisión del legado transgeneracional; tareas necesarias a su desarrollo emocional – en particular –, la apropiación de su propio cuerpo, construcción e integración del yo.

Palabras-clave: Transgeneracionalidad. Espejo. Soledad.

Referências

ABRAHAM, N.; TÖROK, M. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.

CORREA, O. R. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

LACAN, J. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je, telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In: _____. **Écrits**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.

MARQUES, G. G. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967.

OUTEIRAL, J. O olhar e o espelho. In: _____. **Winnicott: Seminários Paulistas**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PENOT, B. **Figuras da recusa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SÓFOCLES, **A trilogia Tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Marília Amaro da Silveira Modesto Santos

Rua Buarque, 97, Vila Inah,
05618-060 São Paulo – SP – Brasil
Tel. Consultório: (11) 3744-8444
E-mail: mariliaasm@uol.com.br